

# O branco massacra o índio como se ele fosse um animal predatório

*O homem primitivo do Brasil foi dizimado nos últimos séculos, denuncia Paulo Duarte. "Ele tornou-se a vítima indefesa de atentados e agressões dos homens que nos sertões, tentam apoderar-se de suas terras"*

Paulo Duarte é um nome nacional que dispensa apresentações. Nesta longa entrevista ao *JD* ele aborda com franqueza os problemas do nosso índio. Primeira pergunta: como defender as jazidas pré-históricas?

Numerosos apelos fiz aos governos da República e do Estado a favor da defesa das jazidas pré-históricas (sambaquis, grutas, necrópoles etc). Duas vezes fui ouvido; uma, em 1962 pelo então governador Lucas Garcez e, outra, bem mais tarde ao presidente da República Juscelino Kubstischek pedindo uma lei protetora desses mesmos bens. De Garcez obtive a criação da Comissão de Pré-história da qual fui diretor até a sua absorção pelo Instituto de Pré-história da Universidade de São Paulo, do qual fui também diretor desde a sua fundação, em 1962 até 1969, quando tive que deixar a Universidade.

*Mas houve outros apelos importantes?*

Houve, o principal deles em 1961 quando levei ao governo federal as razões científicas por que também os índios, como fontes da pesquisa pré-histórica também, deviam ser preservados, sem excluir a assistência e o carinho do governo e ainda o respeito a que têm direito, atinentes à sua dignidade humana e como pupilos ou curatelados do Estado.

*Houve motivação bastante para o envio deste apelo?*

Houve. A imprensa publicara a mobilização dos índios para serem treinados em guerrilhas formando-se assim grupos para agir principalmente nas proximidades das fronteiras do país.

*Mas isso foi por diante?*

Teve um começo. Iniciou-se a experiência felizmente logo malograda porque os primeiros ensaios deram resultado negativo. Meu apelo nada influenciou nisso, os meus argumentos científicos talvez não tenham sido sequer entendidos, mas a idéia morreu quase ao nascedouro.

## *Nossos índios eram os últimos primitivos mais puros do mundo*

*E esses argumentos científicos seriam mesmo convincentes?*

Não sei, mas a minha obrigação seria apresentá-los já que conhecidas eram outras razões de defesa do índio, das suas plantações, do seu gado, até da sua integridade física reiteradamente exposta aos mais horrorosos atentados, assassinatos, latrocínios, roubos, furtos, agressões da parte de todos os homens sem escrúpulos que, no sertão, pretendiam apoderar-se das suas terras e até de suas mulheres, até escravizá-los em seu benefício. Esses atentados horrorosos foram mesmo apurados num inquérito feito pelo então ministro do Interior Albuquerque Lima, cujo relatório, cheio de fatos dolorosos e vergonhosos, foi arquivado, ao que parece, depois da saída daquele ilustre general da direção do referido Ministério. Mas

isso tudo é mais ou menos conhecido, só o que não foi publicado convenientemente foram as razões sociológicas, antropológicas, biológicas, lingüísticas e outras de interesse científico.

*A seu ver quais são, as principais dessas razões?*

Os nossos índios são primitivos e eram, até há pouco, os derradeiros primitivos mais puros existentes no mundo. A última conflagração mundial, as agitações sociais e políticas, poluíram, culturalmente, os últimos núcleos, da Ásia, da África, da Oceania. Só os do Brasil protegidos pelo esforço heróico de um brasileiro notável, o general Cândido Rondon, permaneceram puros pelo menos até a morte daquela grande figura do Exército. A ciência, hoje em dia, sabe que a mentalidade do primitivo não se mede, pelo mesmo gabarito da mentalidade do civilizado ou assim chamado. A sociologia primitiva é um capítulo todo especial dos estudos sociológicos. E nós verificamos isso desde Anchieta. Já verificamos também no Brasil que

## *Não existe um cristão verdadeiro oriundo de tribo primitiva*

não é possível fazer-se de um índio adulto um civilizado. Porque se a mentalidade do primitivo não se acha separada por um abismo intransponível da mentalidade do civilizado, como de início julgou Levy Bruhl, não se pode também alcançá-la com a ingênua facilidade com que julga a maioria dos missionários e outros sociólogos improvisados, às vezes, até armados de heróico espírito de sacrifício e de boas intenções, mas desprovidos de preparo científico que exigem missões dessa ordem. Há coisas elementares, para nós, que os selvagens não compreendem e outras cruciais entre eles, em geral, fora do alcance dos civilizados. Basta lembrar que até a visão das cores é muito menor no selvagem do que naqueles. A maioria dos primitivos possui uma palavra apenas para designar o verde e o azul. Outros possuem o mesmo verbo para exprimir a idéia de comer e amar. Além disso está plenamente comprovado cientificamente – e talvez tenha sido este traço a causa do engano parcial desse grande pesquisador da psicologia e da sociologia primitiva, por ele próprio corrigido mais tarde, com altíssima nobreza mental – que o que caracteriza principalmente o não civilizado é a sua prodigiosa inaptidão para prestar atenção e, sobretudo, uma incapacidade desconcertante, embora incompleta, para o raciocínio lógico, daí o “pré-lógico” de Levy Bruhl. Basta lembrar que um socorro qualquer, um simples comprimido de aspirina dada a um primitivo ferido ou doente pode trazer uma suspeita de sortilégio ou de enfeitiçamento ou pode mesmo atingir um tabu e mesmo provocar a morte do etnólogo, como já aconteceu.

*Mas sobre a questão da catequese ou da transformação de um primitivo num cidadão civilizado, coisas impossíveis na sua opinião, isso está verificado também pela etnologia ou mesmo pela psicologia?*

A sua pergunta me faz lembrar fenômeno semelhante muito mais próximo de nós. É saber se se pode alfabetizar eficientemente um analfabeto adulto. Já respondi a essa questão mais de uma vez. Só na infância a alfabetização pode ser com-

pleta. A criança vem armada de sensibilidade e curiosidade coercitiva, a atenção fresca, predicados que já não possui em sua pureza o analfabeto adulto. Assim mesmo a própria criança necessita de alguns anos de curso primário para disciplinar os primeiros conhecimentos de logo após ter aprendido a ler e a escrever. A alfabetização do adulto só o torna um semi-alfabetizado ou pouco menos do que isso. E a pedagogia e a didática sabem disso. De modo que nenhum governo, nenhuma coerção seria capaz de fazê-lo. Enquanto existir em qualquer país uma só criança que esteja em idade escolar e que não tenha escola, a tentativa de ensinar o alfabeto a um adulto é mais do que um erro, é um pecado social. O analfabeto adulto será sempre um sub-homem e jamais perderá essa condição. Agora, num país suficientemente rico ou lúcido, desde que todas as crianças tenham escola à disposição para o momento exato, poderão abrir-se cursos para a alfabetização adulta, que será uma melhoria à sua infelicidade, não uma cura para ela, ainda que precária. Voltemos ao nosso primitivo.

Há séculos que os catequistas trabalham e até hoje não se viu, documentalmente verificado a formação de um só cristão verdadeiro com material adulto oriundo de uma tribo primitiva. Embora contrarie essa afirmativa o dizer suspeito de missionários piedosos, pode ela ser sustentada com o depoimento fartamente documentado dos observadores dotados do verdadeiro espírito científico que estudaram essa questão complexa, desde Spencer e Gilles, passando-se por Durkheim, Frazer, Allier, River, Lenhardt, até um estudo mais ou menos recente, feito por um paciente e esclarecido religioso, o padre Henri Junot.

## *Catequizada, a índia queria “comer a mão tenra de um tapuia”*

Um exemplo completo dá-nos Thor Heyerdal, em seu livro *Aku-Aku* onde descrevendo os habitantes da ilha de Páscoa, descreve o seu caráter mole e relaxado dos nativos, furtando os objetos que podem, desesperando os sentimentos cristãos do velho padre Sebastian, integrado na ilha, cuja vida é uma dedicação contínua e intensa de catequização e conquista daquelas almas nas quais a luz pouco penetrou. A figura do prefeito da ilha, prefeito decorativo, governada por um militar chileno, é o modelo dos membros daquele aglomerado, uma sociedade primitiva em plena desagregação, pelo esforço inócuo de tornar cada um dos seus membros num cidadão civilizado. Esse prefeito é um nativo manhoso, molenga e matreiro, que passa todo o tempo fazendo esculturas de madeira para vender aos turistas, como um desanimado e vadio, esquecido já da língua autóctone quase perdida para todos, sem haver conseguido ainda falar o espanhol do colonizador, que é a língua nacional do Chile. E, no entanto, são todos patriotas e bons cristãos, aprenderam a cantar o hino nacional, como aprenderam a confessar e comungar e, pontualmente, assistem, com a máxima contrição, à missa dos domingos. Convertidos todos ao catolicismo, graças aos esforços pacientes do padre Sebastian, continuam, no entanto, como pôde observar Thor Heyerdal, plenamente fiéis aos seus cul-

tos polinésicos, guardando em cavernas secretas os ossos dos antepassados e aí comparecendo para os cultos ancestrais primitivos que conservam em segredo e impermeavelmente escondidos das autoridades civis e religiosas. Quando interrogados, como poderiam conciliar a postura respeitosa e contrita, durante a missa e outras cerimônias religiosas do padre Sebastian, a que não faltavam nunca, respondiam imutavelmente no seu espanhol rudimentar: "*Esto es cosa a parte...*"

Sociedade primitiva em pleno esfarinhamento como se vê, devido ao contato com os civilizados ou tidos como tal, mas nem assim, depois de tantos anos de esforço paciente e contínuo do padre e de um governador militar atento, conseguiu-se até agora levar à consciência desses nativos a idéia de pátria ou a idéia do Deus católico, convencidos que permanecem de que a sua pequena ilha ainda é o umbigo do mundo e os *aku-aku* os verdadeiros guias e protetores...

*E, quanto aos índios do Brasil, há alguma observação semelhante?*

É famoso aquele trecho da crônica da Companhia de Jesus do padre Simão de Vasconcellos, no qual relata o caso de uma índia gravemente enferma que, depois de catequizada, tendo dado todas as demonstrações de haver-se imbuído da doutrina cristã, ministrada pelos jesuítas, se queixava de que só uma coisa lhe podia curar o fastio: "A mãozinha de um rapaz tapuia de pouca idade, bem tenrinha; chupar aqueles ossinhos, então me parece tomar algum alento; porém, eu, coitada de mim, não tenho quem me vá frechar um destes..."

## Os índios deveriam ficar à vontade, em reservas especiais

E, agora, outro exemplo, este africano. Raoul Allier, sem a ingenuidade do cronista, conta um caso mais profundo ainda: uma negra selvagem, cujo filho fora entregue, doente, aos missionários, os quais dele trataram, batizaram depois a criança e a educaram cristãmente. Um dia, esse menino adocece outra vez e morre. A mãe, avisada, veio, um dia depois, a sede da missão declarar que queria tornar-se também cristã. Submeteu-se a um preparo longo, antes de ser-lhe concedido o batismo. Só depois de todas as provas de compreensão, todas as manifestações de sua fidelidade à doutrina, recebeu ela o sacramento. No mesmo dia em que fora batizada, essa selvagem suicidou-se! Na sua mentalidade primitiva, totêmica, via ela que o filho, uma vez batizado pelos padres, passara para grupo social diferente do seu. Morto o filho, para que ela pudesse encontrá-lo do lado de lá, era preciso que também ela fizesse parte do mesmo clã que o filho. Daí, o afã, a ânsia com que se dedicou para passar de um a outro grupo e, uma vez conseguido isso, como o intuito primitivo era unir-se ao filho, matou-se certa de encontrá-lo, imediatamente na outra banda da vida.

São belíssimas lições estes casos narrados ingenuamente, um por Simão de Vasconcellos e outro pelo grande etnólogo Raoul Allier em seu livro *Le non civilisé et nous*, mas pouco proveito lições dessa classe têm trazido aos nossos psicólogos e etnólogos indígenas. Do contrário, já se teria compreendido no Brasil que a pequena reserva de primitivos que ainda possuímos constitui um patrimônio intocável, precioso para pesquisas. Talvez o mais precioso do mundo, ainda o era até há bem pouco, porque os primitivos oceânicos, australianos, asiáticos e africanos se acham já, como se disse, demasiadamente poluídos, socialmente pelas últimas guerras, pelas agitações sociais e políticas, pelos brancos colonizadores que escreveram uma das mais hediondas páginas da história humana entre os séculos XVI e XIX, que é a formação dos impérios coloniais europeus, cuja arma mais convincente foi a crueldade e a brutalidade. Algumas populações neolíticas inteiras foram dizimadas pela espada e pelo rifle do caçador branco, como aconteceu no México, no Peru e, mais recentemente, na Austrália. E dizer que a tragédia vergonhosa está se repetindo na América do Sul em pleno fim do século XX!...

Desde o início da sua admirável lição, Rondon compreendeu isso e não poucas vezes protes-

tou com energia, até junto ao Parlamento, contra a intromissão de estranhos na vida dos índios.

*Depois da morte de Rondon, ninguém mais protestou?...*

Sim, Herbert Baldus, os irmãos Villas Boas e alguns poucos. E com mais veemência ainda eu! Eu, porque não tenho posições a defender, não tenho ambições de negócios de mando ou de lucro; que já me adaptei à miséria daqueles que se decidem a lutar sem objetivo pessoal. Aprendi que, quem em nossa terra, se determina a bater-se pela cultura espiritual, precisa, primeiro, satisfazer a certas condições, como comprar em qualquer Peg-Pag uma alma de missionário; fazer voto de humildade e de pobreza e, por último adquirir a certeza de que acabará comido pelos tupinambás do progresso. Por isso, desde há muito anos, venho protestando contra tantos atentados e explorações feitas em torno dos nossos infelizes selvagens que deverão ser deixados à vontade em reservas especiais, garantidos contra a ganância dos bárbaros, nas quais se mantivessem serviços de assistência de que pudessem carecer, a cargo de gente especializada, sociólogos e médicos, agrônomos, como acontece nos países educados. Aí poderiam viver eles a sua vida primitiva com o respeito a que têm direito como seres humanos e ainda como elementos que são utilíssimos à pesquisa no campo da sociologia.

*Então a integração do índio na cultura atual não se faria?*

Se faria, sim, mas não dentro de um programa de desenvolvimento acelerado porque a antropologia, a sociologia como ciência não dão saltos, marcham devagarinho e com segurança. O índio seria integrado dentro de um programa minucioso, ativo, mas lento, através da criança, dos curumins, método aliás aplicado por Anchieta na catequização. Anchieta foi também nisso um precursor de alto escalão, pois ele não conhecia os fundamentos científicos da sua obra, tudo quanto fez foi por uma intuição ou uma premonição geniais. As reservas receberiam, primeiro, todos os índios, ao lado delas as crianças receberiam a instrução, as crianças cujos pais estivessem de acordo, o que seria pouco de início, mas depois os próprios pequenos pioneiros iriam catequizando os pais e, dentro em pouco, não haveria criança em idade escolar que não estivesse presente nesses colégios especializados, com professores primários, sim, mas altamente selecionados. Essas crianças então seriam integradas, e, dentre elas, mais ainda, aqueles alunos mais entusiastas que fossem para o ensino médio e completamente aqueles que fossem para o ensino superior, haveriam já deixado de ser selvagens.

## A importância dos primitivos para a pesquisa sociológica

*Mas mentalmente, essas crianças poderiam frequentar o ensino secundário e o ensino superior?*

Alguns antropólogos, com as últimas sensacionais revelações sobre a origem do homem já admitem até um gênero humano e o gênero pode comportar espécies. Assim poderiam haver algumas espécies diferentes que estão até classificadas, mas como hipóteses de trabalho do que como indiscutivelmente existentes, pois talvez não passem de subespécies que, praticamente, são apenas raças. Ora aos gêneros cientificamente a ciência moderna nega a faculdade de reproduzirem-se genericamente entre si. Alguns respondem com o fato já observado de mestiços de leão com pantera. Não vale, porque isso além de ser raríssimo, o produto é sempre estéril e, depois, há zoologistas que afirmam não tratar-se de gênero diferente, mas de subespécies apenas. Ora, sendo subespécie não há nenhuma incompatibilidade porque a subespécie, na prática é o mesmo que raça da mesma espécie. O índio, como o negro e o mongol pertence à mesma espécie *homo sapiens*, daí a existência pacífica mestiços entre elas, cariboca, cafuz, mulato.

*Falávamos da importância dos nossos primitivos para a pesquisa sociológica?*

Não é mais permitido ignorar-se a importân-

cia deles para as pesquisas sociológicas. Os países adiantados mantêm uma vigilância severa para defendê-los contra qualquer contato, não apenas do ponto de vista físico, moral e cultural, senão também do ponto de vista humano. A presença do branco numa tribo pode motivar até a destruição do grupo, pois germes perfeitamente inócuos para o primeiro, como a gripe, o sarampo e outros que são terrivelmente letais para os segundos e isso está confirmado por observações diretas.

Do ponto de vista sociológico os leigos ignoram o que representam as populações primitivas do Brasil, por exemplo. As investigações etnológicas, lingüísticas, até patológicas tanto mais importante são quanto mais isoladas se conservem as tribos. Há na América mais de 100 línguas indígenas diferentes agrupadas em mais de 10 famílias lingüísticas diferentes. Pesquisas nesse sentido poderiam indicar os pontos de origem das primeiras levadas que aqui chegaram a partir de 40 mil anos atrás, talvez. Olympio da Fonseca, de Mangueiras escreveu a mais importante obra sobre a parasitologia pré-histórica e juntou provas da origem oceânica do *chimerê* dos nossos índios que é o mesmo *tokelau* da Polinésia, da origem asiática do *ankilostomo duodenalis*, e o *neccatur* do tifo, murino peculiar da América, piolhos, dermatoses, tinha, pedra negra, que vieram da Ásia. Rivet, Soper e outros citam numerosas manifestações patológicas de origem igualmente, pré-histórica, extremo Oriente, Oceania. A etnologia demonstrou que muitas levadas vieram por Behring, outras pelo Pacífico e até algumas desembarcaram somente na América do Sul.

## Eles são vítimas da ferocidade do branco que mata e explora

Esses pontos é que não têm sido compreendidos nem pelos missionários, em geral, nem pelos governantes que se têm aproximado dos nossos índios na tentativa inútil de torná-los cristãos ou cidadãos patriotas, conscientes dos seus deveres, coisas a que não pode atingir a sua mentalidade primitiva. E ninguém mediu o perigo de pôr em suas mãos armas de fogo, apesar do que aconteceu nos Estados Unidos, onde o índio se tornou até assassino, criando os mais graves problemas. Ainda mais quanto aos nossos índios.

Sendo eles agricultores também - o milho, a mandioca, o amendoim, o cacau, o mangarito, a baunilha, a batata, o inhame, o tomate, numerosas frutas e outras plantas que eles cultivavam e deram à Europa o estupendo presente desses produtos -, facilmente, ainda que adultos poderiam adaptar-se a uma lavoura mais adiantada tornando-se até, de início, elementos úteis ao desenvolvimento agropecuário. Nos Estados Unidos há mesmo plantações que só eles podem cultivar como o arroz selvagem, cujos lucros pagam grande parte das despesas com a sua assistência.

Há muitos modos de torná-los colaboradores ativos do desenvolvimento sem que seja preciso genocidá-los, como tanto bândido branco esta fazendo presentemente. O general Albuquerque Lima, quando ministro do Interior realizou um inquérito terrível que ficará como uma imensa vergonha nacional, provando esses crimes, como assassinatos com metralhadoras ou misturando-se arsênico e estriquinina à farinha, ao açúcar que lhes eram levados com sorrisos cruéis de falsa amizade desses infames, com o intuito de tornarem-se até herdeiros das terras e do gado dos nossos desgraçados silvícolas. Mas se fôssemos fazer a relação dessas misérias ferozes precisaríamos de muitos exemplares de uma revista como *Veja* ...

Parece, porém, que o que aí se registra justifica bem a campanha implacável à qual me dedico há cerca de 40 anos, a favor dos nossos primitivos que, desde quase cinco séculos, vêm sendo vítimas da ferocidade muito mais horrorosa do que a sua selvageria primitiva, do aventureiro branco que ainda hoje nos já violados sertões brasileiros massacram índios, como se feras ou animais predadores fossem, sem que sobre os maiores responsáveis tivesse recaído qualquer sanção.